

AUTISMO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E O PROCESSO DE INCLUSÃO

AUTISM: A NEEDED REFLECTION ON PEDAGOGICAL PRACTICE AND THE INCLUSION PROCESS

RESUMO

Considerando que o autismo é definido como um transtorno invasivo do desenvolvimento e que apresenta comprometimentos em importantes domínios do desenvolvimento humano, entre eles: a comunicação, a sociabilização e a imaginação, que como consequência apresenta dificuldades de aprendizagem, o presente estudo tem como objetivo discutir alguns aspectos referentes ao autismo, apresentar a Associação de Pais e Amigos dos Autistas da região Carbonífera de Santa Catarina (AMA-REC/SC) e elencar o papel do Método TEACCH no desenvolvimento educacional de autistas. Este artigo teve como parte de sua elaboração uma pesquisa bibliográfica, onde foram escolhidas de forma aleatória, publicações que estabelecessem uma relação com o tema abordado. Através da revisão bibliográfica foi possível a organização de ideias a respeito do tema, relacionando-as com os dados obtidos e observados *in loco*. Verificou-se que o trabalho diário e contínuo do ensino especializado junto ao ensino regular vem auxiliando o desenvolvimento dos alunos envolvidos, visto que os mesmos demonstram progresso em diversos aspectos, como nas atividades da vida diária e prática, obtendo maior independência na relação social, escolar e familiar.

Palavras-chaves: Autismo. AMA-REC/SC. Inclusão.

ABSTRACT

Considering that autism is defined as an invasive developmental disorder and that it presents compromises in important domains of human development, among them: communication, socialization and imagination, which as a consequence presents learning difficulties, this study aims to discuss some aspects related to autism, to present the Association of Parents and Friends of the Autism of the Carboniferous region of Santa Catarina (AMA-REC / SC) and to highlight the role of the TEACCH Method in the educational development of autistic children. This article had as part of its elaboration a bibliographical research, where they were chosen of random form, publications that established a relation with the approached topic. Through the bibliographic review it was possible to organize ideas about the theme, relating them to the data obtained, and observed *in loco*. It was verified that the daily and continuous work of the specialized education with the regular education has helped the development of the students involved, since they demonstrate progress in several aspects, as in the activities of daily life and practice, obtaining greater independence in the social relation, school and family.

Keywords: Autism. AMA-REC / SC. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, causando o comprometimento de funções como habilidades sociais, habilidades comunicativas, presença de comportamentos repetitivos e perda de interesse pelo seu meio. Demonstrem dificuldades em se relacionar logo nos primeiros anos de vida (SILVA, 2009).

O aluno autista ainda encontra muitas dificuldades para ser incluído na escola, devido aos vários estigmas que acompanha a deficiência, associada principalmente a falta de conhecimento sobre como desenvolver as atividades pedagógicas e as atividades da vida diária.

O ensino de alunos autistas, devido à falta de informação mais específica, juntamente com a própria rigidez curricular que não respeita as singularidades e as diferentes formas de aprender, causam um grande prejuízo ao aluno, que não consegue atingir desejáveis níveis de autonomia (HAMER; MANENTE; CAPELLINI, 2014). É comum a escola estabelecer certos padrões de normalidade e aceitação social, além de muitos docentes não possuírem uma formação onde suas teorias de ensino-aprendizagem estejam de acordo com a realidade, ou não estarem preparados para as dificuldades do cotidiano escolar, além de diversas situações de estresse provocadas pelo sistema, que fazem com que o autista seja excluído. Porém, é importante ressaltar que, a introdução de novas tecnologias e métodos específicos na escola gera um desafio, sendo considerado um obstáculo que precisa ser vencido.

Este artigo busca inicialmente discutir alguns aspectos referentes ao autismo, apresentar a Associação de Pais e Amigos dos Autistas da região Carbonífera de Santa Catarina (AMA-REC/SC) e elencar o papel do Método TEACCH no desenvolvimento educacional de autistas. O panorama apresentado mostrará os desafios encontrados para conceber uma educação eficaz aos alunos em uma escola para autistas; mostrará também as estratégias para tentar vencer tais desafios; bem como destacará as políticas voltadas para a inclusão dos alunos autistas no ensino regular.

2 AUTISMO

Para Gauderer (1993) são poucos os distúrbios ou as doenças que causam mais perplexidade, confusão, ansiedade e incomodam o ser humano que os de fundo psiquiátricos. Qualquer doença tem o seu sofrimento, estigma ou preconceito social, porém umas mais que as outras. Entre todas as doenças do ser humano, nenhuma se depara com tanto preconceito e estigma, tanta informação distorcida e absurda como as doenças psiquiátricas, “[...] a mais trágica, a que causa maior perplexidade e gera o maior tumulto emocional é o autismo”. (GAUDERER, 1993, p. 2)

De acordo com o autor a origem do autismo foi conduzida durante muito tempo como causa emocional, o que gerou confusão entre:

- crianças que nasciam sem dano ou disfunção cerebral e durante o convívio no habitat tumultuado acabavam desenvolvendo um distúrbio;

- crianças que nasciam com dano ou disfunção cerebral.

Sendo esta a opinião que a maioria dos peritos concorda hoje, que o autismo é causado por uma disfunção cerebral.

Para Temple Grandin (1999) autista e escritora do livro “Uma Menina Estranha” o autismo é um distúrbio do desenvolvimento, onde a criança reage de formas distintas a alguns estímulos, isso devido a uma espécie de deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida. “Muitas vezes, a criança se “ausenta” do ambiente que a cerca e das pessoas circunstantes a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores”. (GRANDIN, 1999, p. 18)

De acordo com Castanedo (2007), o autismo é tão antigo quanto à própria história. Sempre existiram crianças com condutas estranhas ou autistas, crianças que estão escondidas em si mesmas. Tal autor ainda destaca que:

Até 1960, o autismo foi considerado um transtorno pertencente à doença mental, estranho e misterioso, uma patologia emocional ou uma forma precoce de esquizofrenia infantil, causado por uma carência afetiva em um meio familiar de pais “frios” e hostis, incapazes de estabelecer uma relação afetiva calorosa. (CASTANEDO, 2007, p. 220)

Segundo Bettelheim (1967, apud CASTANEDO 2007), o tratamento preferido era a internação, afastando essas crianças da influência patológica dos pais.

Batista (2016) destaca, “não faz nem duas décadas que o transtorno do espectro autista (TEA) era uma condição misteriosa”, “hoje, sabe-se que o autismo não é um mundo intransponível, tampouco uma doença, mas, sim, um conjunto de síndromes com características comuns”.

Embora o conhecimento esteja mais avançado, ainda não se sabem as causas do TEA. Novas pesquisas, porém, estão ajudando a desvendar as origens do autismo, que tem um forte componente genético, mas também é influenciado por fatores não relacionados ao DNA. Os próprios estudos sobre os genes implicados com as síndromes estão afunilando, com trabalhos que apontam um número menor de proteínas cujo mau funcionamento pode levar ao desenvolvimento irregular de áreas cerebrais relacionadas à linguagem e às habilidades sociais. (BATISTA, 2016)

Conforme as pesquisas entorno do autismo foram se aprofundando, aquilo que foi demonstrado anteriormente acabou sendo desmentido. E algumas perspectivas diferentes foram tomando força na fala científica, destacando principalmente dois pontos relevantes, como trata Castanedo (2007): o primeiro é que no autismo o déficit no desenvolvimento é o responsável pelo comportamento autista, ao contrário do que se pensava, e não um transtorno psicodinâmico originado por uma fuga esquizofrênica da realidade; já o segundo ponto se refere aos pais com filhos autistas que não se diferenciam de outros pais quanto à sua personalidade, relação conjugal e familiar, exceto pelo fato de que os primeiros não sabem o que fazer com seus filhos e passam por uma situação difícil, e esta sim pode levar a um transtorno psicológico na família.

A partir destes pontos o autor argumenta que os pais poderiam participar e se envolver de forma mais efetiva como co-terapeutas, auxiliando em projetos elaborados por equipes profissionais, ao invés de continuarem investindo horas intermináveis em sessões de psicoterapia psicanalítica.

É relevante destacar que existem algumas pesquisas no âmbito comportamental dos pais dos indivíduos autistas, tais pesquisas demonstram que os pais de crianças autistas tendem a serem mais “calorosos” e sociáveis que os pais de sujeitos normais (DEMYER, 1976 apud CASTANEDO, 2007). Todas essas novas descobertas são bem vistas por contribuírem para o bem-estar familiar, já que auxiliam na diminuição do sentimento de culpa dos pais, aumentando assim sua autoestima, e em contrapartida estes pais se tornam membros mais participativos e ativos em associações voltadas ao bem-estar do autista.

3 AMA – REC/SC

Diante de um contexto de dificuldade familiar e na consequência também no ambiente escolar, na cidade de Criciúma, os pais se reuniram no anseio de criar uma instituição para atender as crianças autistas, a Associação de Pais e Amigos dos Autistas da região Carbonífera de Santa Catarina (AMA-REC/SC). A associação teve seu estatuto registrado no dia 20 de fevereiro de 2001, de lá para cá houveram muitas lutas e conquistas. Atualmente a AMA-REC/SC é mantenedora da Escola Especial Meu Mundo, que fornece um atendimento pedagógico e específico à causa Autística, está localizada no Bairro São Cristóvão, na cidade de Criciúma, estado de Santa Catarina. (AMIGOS DO AUTISTA, 2017)

A Escola Especial Meu Mundo atua através da Metodologia Teacch, em grupo e individualmente, conforme a necessidade de cada um dos educandos matriculados, atuando de acordo com as variáveis do Autismo e síndromes correlatas do Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). A AMA Ainda oferece oficina de pintura em madeira e equoterapia, em uma parceria com a Justiça Federal, oficina de reciclagem de papel, e a cinoterapia, uma parceria com o 9º Batalhão da Polícia Militar. (AMIGOS DO AUTISTA, 2017)

De acordo com dados obtidos na própria instituição durante o desenvolvimento deste estudo, em 2016 foram atendidos de forma direta 110 alunos, deste total apenas 35 frequentavam o ensino regular, aproximadamente 40 autistas aguardavam uma vaga na AMA e a equipe técnica era formada por 48 profissionais e possuía 11 salas de aula a disposição da escola.

3.1 MÉTODO TEACCH

O TEACCH - Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped CHildren (Tratamento e educação para crianças com autismo e com distúrbios correlatos da comunicação), foi idealizado e desenvolvido pelo Dr. Eric Schoppler, durante os anos 60 no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, atualmente é muito utilizado em várias partes do mundo e tem como responsável o Dr. Gary Mesibov (MELLO, 2007).

De acordo com Leon e Lewis (1997), o método teve início no Brasil em 1991, no Centro TEACCH Novo Horizonte, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, seguindo com fidedignidade os parâmetros estabelecidos originalmente pelo Dr. Schoppler.

O método TEACCH utiliza uma avaliação chamada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança, levando em conta os seus pontos fortes e suas maiores dificuldades, tornando possível um programa individualizado. (MELLO, 2007, p. 36)

Na descrição de Mello (2007, p. 36):

O TEACCH se baseia na organização do ambiente físico através de rotinas - organizadas em quadros, painéis ou agendas - e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como compreender o que se espera dela. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACCH visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente.

Os comportamentos socialmente desejados que por vezes faltam aos autistas, podem ser de diferentes áreas, como: habilidades acadêmicas (ler, escrever, realizar cálculos), atividades de vida diária (vestir-se, alimentar-se, se locomover), convívio social (conversar, fazer compras, ter relacionamentos), ou convívio profissional (ter um emprego e uma carreira). Todos estes comportamentos são adaptativos e podem ser trabalhados no método TEACCH através de programas específicos desenvolvidos após a avaliação psicossocial, podendo ser trabalhados em grupo ou de forma individual. (LEON e LEWIS, 1997)

Mello (2007) argumenta que as maiores críticas ao TEACCH estão relacionadas à sua aplicação em crianças com alto nível de desenvolvimento, porém a prática vem mostrando que o método, quando adequadamente utilizado, auxilia muito estas crianças. Através de um trabalho demorado e sempre voltado para as características individuais de cada criança é possível atingir ótimos resultados nas diferentes áreas de habilidades.

[...] a tendência de crianças com autismo que passam por um processo consistente de aprendizado, ao contrário de se robotizarem, é de humanizarem-se mais e progressivamente. Verificamos que adquirem algumas habilidades e constroem alguns significados. Mesmo que bastante restritos, se comparados com outras pessoas, representam progressos em relação às suas condições anteriores ao trabalho com o método TEACCH. (MELLO, 2007, p. 36)

O método tem apresentado bons resultados, pois humaniza e continuamente adquirem habilidades e constroem significados por seus atos e as relações do seu cotidiano.

4 METODOLOGIA

De acordo com Marconi e Lakatos (2010) uma pesquisa bibliográfica não é apenas uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, e sim, a oportunidade de enxergar um determinado tema sob uma nova perspectiva de acordo com a abordagem utilizada. Sendo assim, o presente estudo teve como parte de sua elaboração uma pesquisa bibliográfica, onde foram escolhidas de forma aleatória, publicações que estabelecessem uma relação com o tema abordado. Através da revisão bibliográfica foi possível a organização de ideias a respeito do tema, relacionando-as com os dados obtidos e observados *in loco*.

Além da pesquisa bibliográfica foi utilizada também como recurso metodológico, a observação ativa, com intuito de conhecer a instituição e o método de ensino empregado. Bechker (1972 apud Ferreira, Torrecilha e Machado, 2012) destaca a observação como sendo uma solução para se estudar fenômenos complexos, principalmente quando o objetivo é a análise descritiva e exploratória.

Tjora (2006 apud Ferreira, Torrecilha e Machado, 2012) destaca que observação e entrevistas são técnicas interativas, visto que uma conduz a outra, e as duas se complementam.

Sendo assim, as observações foram complementadas com a utilização de entrevistas estruturadas, as quais possuíam cinco perguntas abertas cada, sendo aplicadas a três professoras/pedagogas atuantes na instituição. O objetivo destas era compreender quais as maiores dificuldades encontradas por estas profissionais ao trabalharem com alunos autistas, bem como, verificar se na concepção destas profissionais a inclusão de autistas no ensino regular tem efeitos benéficos ou não.

O primeiro contato com a instituição teve o intuito de conhecer o espaço e a equipe, e observar de forma geral o seu funcionamento. Posteriormente foram elaboradas cinco questões abertas levando-se em consideração os contextos observados na visita anterior, tais questões se referem ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas e encontram-se no anexo I do referido artigo.

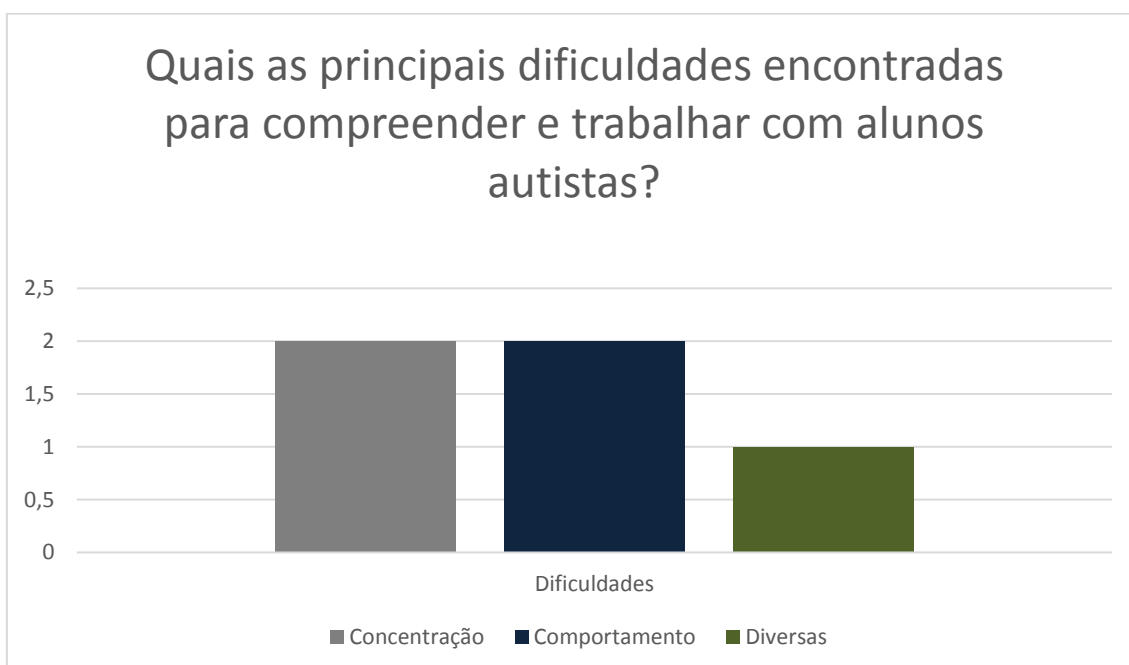
Durante a segunda visita foram aplicadas as entrevistas através de diálogo individual com cada professora/pedagoga, a direção da AMA reservou uma sala para que as entrevistas fossem realizadas de forma mais reservada.

Já na terceira visita foram realizadas observações em salas de aula, durante o intervalo de lanche e também foram esclarecidos alguns aspectos quanto à forma de trabalho da instituição, bem como sobre o método TEACCH.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão descritos e discutidos com base nas entrevistas realizadas com três professoras que atuam na AMA-REC/SC. Duas professoras atuam a mais de 10 anos com crianças autistas, estas iremos identifica-las como A. e B., a terceira professora iremos identifica-la como C.

No que trata das dificuldades relacionadas ao trabalho com autistas, pode-se observar através das entrevistas, que apesar destas dificuldades serem diversas, existem duas que se destacam. Como o gráfico a seguir demonstra:



Fonte: elaborado pelo autor.

Para C. muitas são as dificuldades encontradas, pois cada aluno é único em suas limitações, não há nenhum aluno igual ao outro, então primeiro é preciso identificar cada dificuldade para depois dar início as formas de trabalho.

A. e B. destacaram que suas maiores dificuldades são trabalhar a concentração e o comportamento dos alunos, ao iniciar o acompanhamento na AMA o aluno costuma chegar com alguns vícios de comportamento que ao longo do tempo são trabalhados em sala de aula, através do método TEACCH é trabalhado questões do dia a dia como ir ao banheiro sozinho ou até mesmo comer de forma independente.

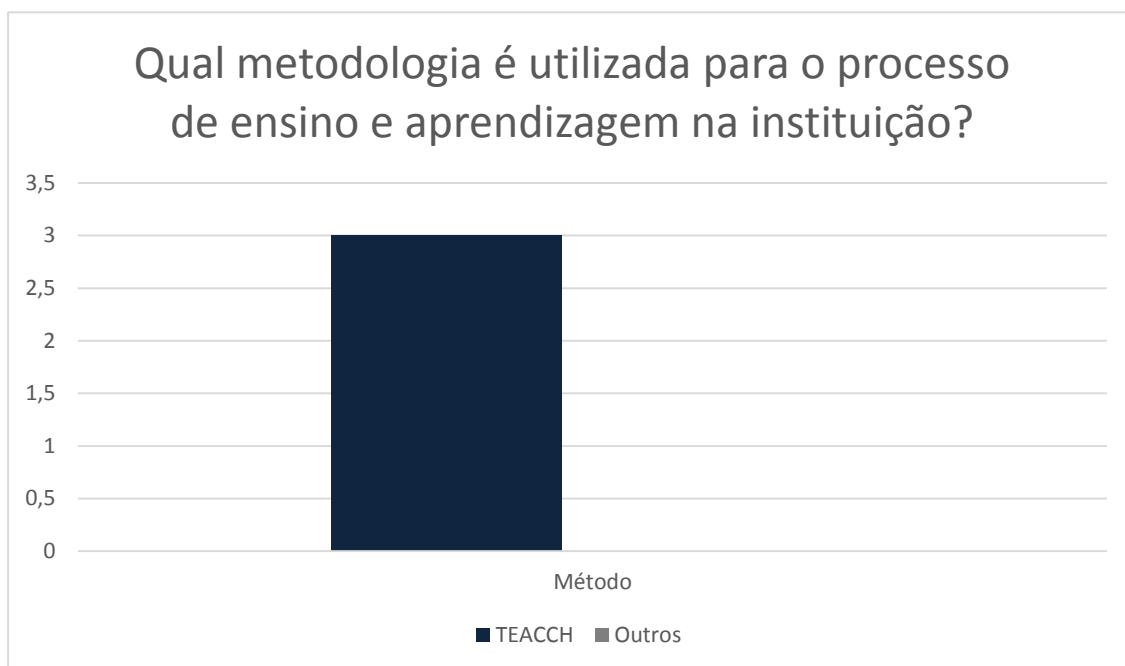
Uma das características presente nos diagnósticos de identificação autista é a falta de habilidade social, o que os mantém distantes de outras pessoas, por esta característica sabemos que o contato social sempre será prejudicado. Este isolamento acontece pelo fato de não saberem como interagir com outras pessoas o que acaba dificultando os vínculos. (PAPIM e SANCHES, 2013, p. 19)

Ainda de acordo com o autor “é comum que a criança autista não tolere o contato e apresente estereotípias e comportamentos de auto estimulação” (PAPIM e SANCHES, 2013, p. 20). É por isso que um dos desafios no qual devemos continuar trabalhando é aquele no qual os sistemas de educação garantam a todos os estudantes o seu direito a aprender. (TARATUCCI, 2008)

A educação precisa ter o desenvolvimento das capacidades únicas de cada criança, deveria ser desenvolvida no contexto com outros alunos para promover as relações sociais e o contato entre os seus pares (MANTOAN, 2003).

As mudanças são fundamentais para inclusão, e exige esforço de todos possibilitando que a escola possa ser vista como um ambiente de construção de conhecimento, deixando de existir a discriminação de idade e capacidade. Para isso, a educação deverá ter um caráter amplo e complexo, favorecendo a construção ao longo da vida, e todo aluno, independente das dificuldades, poderá beneficiar-se dos programas educacionais, desde que sejam dadas as oportunidades adequadas para o desenvolvimento de suas potencialidades (CAMARGO & BOSA, 2009).

Em se tratando de métodos utilizados no processo de ensino-aprendizagem, é importante considerar que a AMA possui uma metodologia padrão pré-estabelecida, sendo demonstrada nos resultados do questionário a respeito da metodologia:



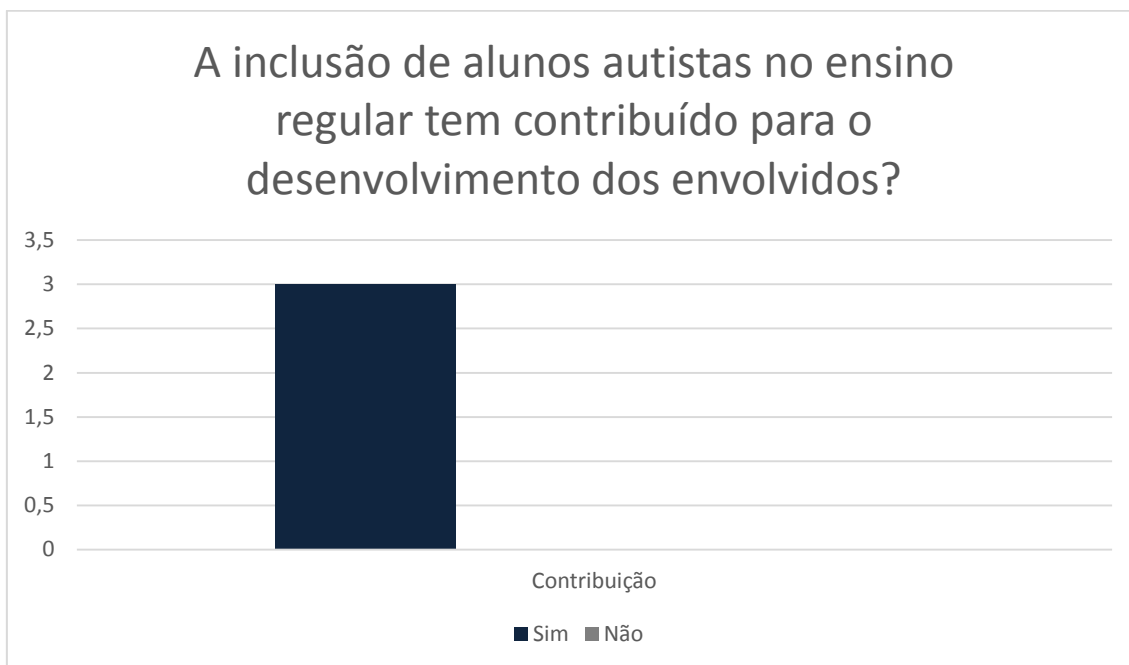
Fonte: elaborado pelo autor.

Todas as entrevistadas responderam que a metodologia utilizada é o Método TEACCH, onde as atividades são previamente agendadas, criando-se uma rotina em sala de aula, sempre que há uma mudança na rotina as professoras orientam os alunos e fazem a alteração no material visual, facilitando a compreensão para os mesmos. Cada sala é composta por duas professoras que fazem em dias alternados o papel de terapeuta e coterapeuta, onde a terapeuta fica com o comando de voz, ela guia e ministra a aula inteira, já a coterapeuta auxilia na realização das atividades sem intervir na orientação, isso se deve ao fato de duas vozes de comando atrapalhar a concentração dos alunos.

A principal finalidade do método é “desenvolver formas especiais para facilitar o convívio e permitir que o autista adquira capacidade para compreender outras pessoas, promovendo um convívio harmônico, além de incentivar a capacidade para explorar os ambientes e estimular o aprendizado.” (PAPIM e SANCHES, 2013, p. 45)

B. destacou que os principais objetivos da metodologia utilizada em sala de aula são: favorecer a comunicação receptiva, ajudar a aprendizagem, promover a independência, organizar as atividades visualmente, permitindo assim antecipar e se organizar para executar as tarefas. Tornando os alunos pessoas mais independentes e preparados para enfrentar o cotidiano.

Em se tratando de inclusão dos alunos autistas, todas as entrevistadas concordaram que a inclusão tem contribuído para o desenvolvimento dos envolvidos, mas com algumas exceções.



Fonte: elaborado pelo autor.

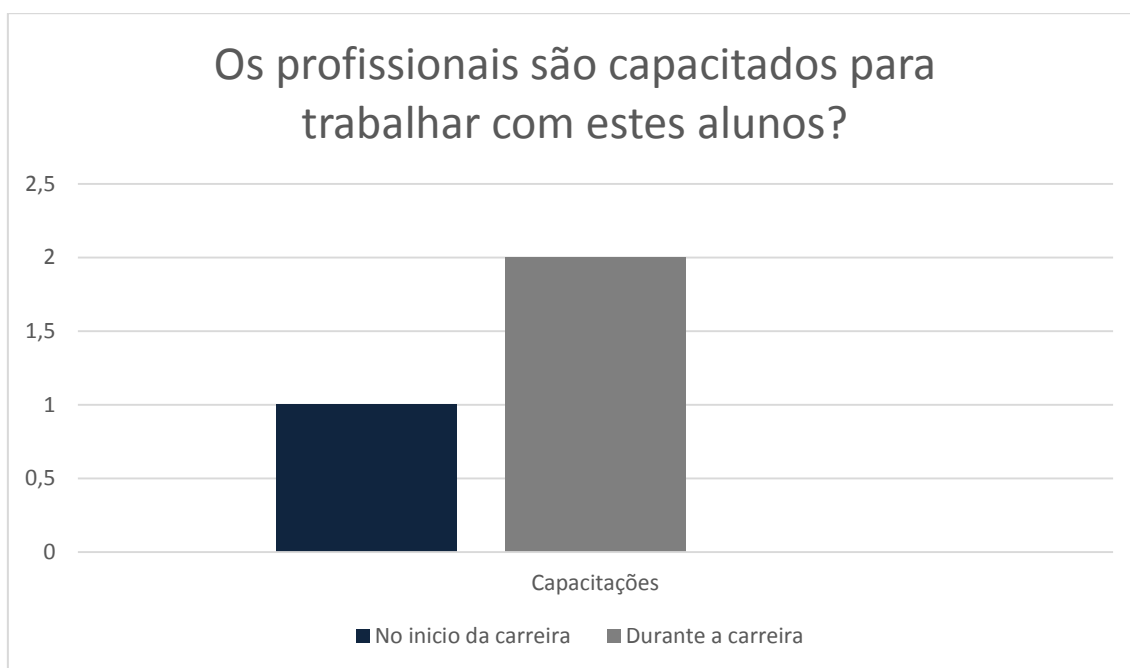
C. destacou que isso dependeria de cada grau de autismo, sendo que em casos mais severos o processo não teria o efeito esperado, visto que nestes casos o autista não consegue se identificar, deixando de haver a interação que se espera na inclusão, ficando o aluno isolado e sem obter os avanços desejados. Porém, elas salientaram que os alunos que frequentam o ensino regular juntamente com o trabalho desenvolvido na AMA, demonstram um desempenho superior aos alunos que não fazem este acompanhamento, ou seja, o trabalho em conjunto tem contribuído e influenciado no desenvolvimento dos alunos.

Priorizar a qualidade do ensino regular é, pois, um desafio que precisa ser assumido por todos os educadores. É um compromisso inadiável das escolas, pois a educação básica é um dos fatores do desenvolvimento econômico e social. Trata-se de uma tarefa possível de ser realizada, mas é impossível de se efetivar por meio dos modelos tradicionais de organização do sistema escolar (MANTOAN, 2003).

Para Mello (2007), "...é comum a ideia de simplesmente colocar uma criança que tem autismo em uma escola regular, esperando assim que ela comece a imitar as crianças normais". Porém com "um atendimento especializado, antes da inclusão

numa escola regular, pode ajudar a criança a desenvolver a consciência de si mesma, preparando-a para utilizar-se de modelos, posteriormente. ”

Quando questionadas a respeito da capacitação dos profissionais, foi possível observar em que período das formações das entrevistadas, tais capacitações ocorreram:



Fonte: elaborado pelo autor.

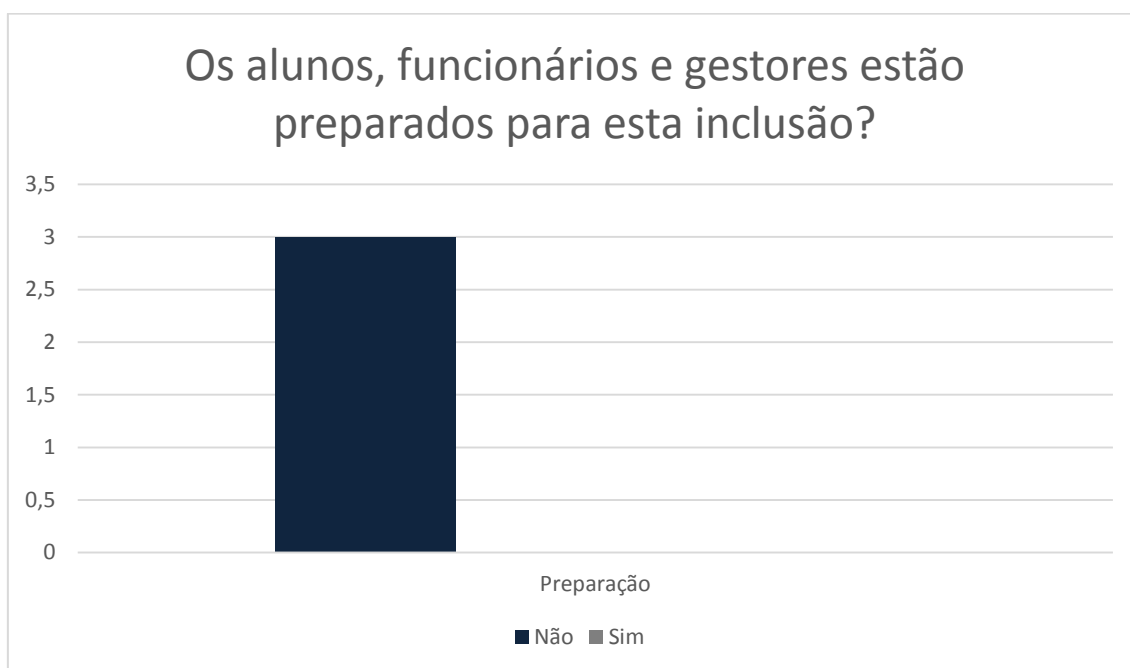
A. e B. informaram que ao iniciarem o trabalho com crianças autistas não receberam nenhum tipo de capacitação, sendo que iniciaram há dez anos, porém com o passar dos anos foram em busca de especializações e cursos na área.

C. já iniciou o trabalho com capacitação, visto que começou a atuar há pouco tempo, mas também teve que ir em busca de melhor qualificação já que os cursos de graduação ainda deixam muito a desejar na área de ensino para alunos com deficiências, além do pouco incentivo dos governos federais, estaduais e municipais.

Para uma formação continuada significativa, com reflexos positivos na prática pedagógica dos profissionais, deve-se ter um formato com modalidades que proporcionem agrupamentos menores que possibilitem a discussão, a troca de experiências. Portanto “os responsáveis escolares que queiram encorajar os professores a tornarem-se profissionais reflexivos devem tentar criar espaços de liberdade tranquila onde a reflexão-na-ação seja possível” (SCHÖN, 1995, p.87).

A prática pedagógica é um elemento-chave na transformação da escola, estendendo essa possibilidade de transformação à sociedade. Em função do tema da diversidade, as práticas pedagógicas têm caminhado no sentido da pedagogia das diferenças (MITTLER, 2003).

Porém, quando perguntadas se em suas concepções os alunos, funcionários, gestores e a sociedade em geral estão preparados para inclusão, a resposta foi unânime:



Fonte: elaborado pelo autor.

Todas as entrevistadas afirmaram que não, as escolas não estão preparadas para receber os alunos, o estado e os municípios apenas ofertam as vagas, porém quando é constatado que o educando necessita de uma auxiliar, a mesma é encaminhada para a sala de aula sem nenhuma capacitação ou preparação, em alguns casos sem nem ao menos uma formação em educação, o que pode acabar dificultando o processo de inclusão por não ter conhecimento de como estimular o aluno.

A escola que trabalha com alunos deficientes deve dar suporte para que estes professores tenham habilidades para lidar com estas situações. No sistema educacional da inclusão cabe a escola adaptar-se as necessidades dos alunos, e não aos alunos se adaptarem ao modelo da escola, inclusão plena significa conscientizar-se de que estudantes com qualquer tipo de necessidade especial

fazem parte do ensino, mesmo quando seus objetivos e necessidades se diferem, pois, cada aluno tem suas especificidades. (MANTOAN, 2003)

Mas, como mencionado anteriormente, quando este aluno inicia no ensino regular e frequenta a Escola Especial Meu Mundo, a AMA auxilia na inclusão através de visitas ao ambiente escolar, orienta e auxilia a professora mostrando os caminhos a serem seguidos e algumas soluções para determinadas situações, proporcionando uma interação entre a escola e a AMA para que o educando tenha condições de ser inserido e incluído no processo de ensino e aprendizagem. Processo esse que deveria ser realizado em todas as instituições de ensino e com todas as deficiências.

[...] diante da complexidade educacional que o transtorno apresenta, faz-se necessário realizar a orientação e a capacitação dos educadores dentro de sistemas de apoio que sirvam de diretriz para realização do processo ensino-aprendizagem do aluno com autismo, na desmistificação das representações preconcebidas e não científicas que interferem na atuação do educador, melhorando a eficácia dos profissionais e, com isso, a possibilidade do aluno autista adquirir novas habilidades que o ajude no seu desenvolvimento. (PAPIM E SANCHES, 2013, p. 71)

A escola inclusiva precisa alterar seu currículo, sua metodologia de ensino, sua avaliação e principalmente atitudes dos profissionais envolvidos.

Inclusão é o acolhimento de todas as pessoas, sem exceção no sistema de ensino, independente das condições neurológicas, psicológicas, sociais ou de qualquer outra ordem. É a capacidade de entender as diferenças e partilhar das riquezas que esse convívio proporciona. (MIRANDA, 2017)

Pois, as equipes gestoras, entidades responsáveis pela coordenação das escolas, precisam capacitar professores para a prática docente com estes alunos, preparar-se fisicamente e principalmente adaptar-se em todas as situações que aparecem no cotidiano escolar para poder oferecer educação de qualidade para todos.

Além de a formação continuada ser um direito a todos os profissionais da educação, garantido pelas leis que regem nosso país é também uma das estratégias para a superação dos altos índices de evasão e baixa qualidade do ensino, sendo, portanto, uma exigência do Banco Mundial de investimentos na formação dos profissionais da educação. A formação continuada no processo de inclusão é fundamental para garantir a qualidade no trabalho com o aluno autista na escola regular e também na específica, sendo, que cada aluno precisa de

acompanhamento para realizar estimulação adequada direcionada para cada criança (LEÃO, 1998).

Para realizar o atendimento especializado é necessário aprender a lidar com a diferença. No primeiro momento, é preciso reconhecer que ela existe, o que não existe é a homogeneidade; no segundo momento, estar dispostos a aceitá-la, afirmá-la e valorizá-la; e terceiro, conviver com ela, viver em comunhão, com intimidade, familiaridade. Só assim aprenderemos a lidar com ela. Por isso, é de suma relevância que as crianças tenham essa oportunidade de convívio desde cedo (MANTOAN, 2003).

Para melhorar as condições pelas quais o ensino é ministrado nas escolas, visando universalizar o acesso, ou seja, a inclusão de todos, incondicionalmente nas turmas escolares e democratizar a educação, fato que está ocorrendo em muitas redes de ensino, demonstrando o sucesso da inclusão, onde todos têm o mesmo direito de aprender, com respeito as suas particularidades. (Mittler, 2003)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, causando o comprometimento de funções como habilidades sociais, habilidades comunicativas e presença de comportamentos repetitivos, e perda de interesse pelo seu meio.

Os relatos observados demonstram a dificuldade em trabalhar com a criança autista em suas particularidades. Devido a este contexto, surgiu a necessidade de criar uma instituição específica para atender o autista.

Na pesquisa conhecemos o espaço exclusivo para atender a criança autista, a Associação de Pais e Amigos dos Autistas da região Carbonífera de Santa Catarina (AMA-REC/SC). A escola surgiu das dificuldades familiares encontradas no cotidiano das casas, onde os pais se reuniram no anseio de criar uma instituição para atender as crianças autistas. E o trabalho obteve bons resultados e assim, atendem as crianças em suas particularidades, orientam a família e oferecem suporte pedagógico para as escolas de ensino regular onde as crianças autistas frequentam no contra turno.

A AMA utiliza o Método TEACCH, onde as atividades são previamente agendadas, criando-se uma rotina em sala de aula, sempre que há uma mudança na

rotina as professoras orientam os alunos e fazem a alteração no material visual, facilitando a compreensão para os mesmos.

O conhecimento sobre o espaço da AMA e o método TEACCH ampliaram meus conhecimentos sobre o autismo e seus paradigmas, além de proporcionar uma visão melhor quanto as minhas possibilidades de melhorar na minha profissão, despertando um interesse por atuar na área de educação especial e inclusiva. A entrevista com os profissionais também contribuíram para compreender os vários aspectos que envolvem o método e aplicação prática no cotidiano escolar, mostrando a importância do incentivo a formação continuada.

Após análise das respostas apresentadas pelas educadoras, podemos identificar que a maior dificuldade dos autistas ainda é a interação social, o convívio com os demais e a quebra de paradigmas, durante as observações ficou evidente que os autistas que não tiveram acompanhamento durante a sua infância, apresentam maiores dificuldades na interação social e maior resistência a esta quebra de paradigmas. O que reforça a importância de instituições como a AMA, onde essas questões são tratadas desde cedo e em conjunto com o ensino regular.

Ainda precisamos seguir um longo caminho para que a inclusão no ensino regular aconteça de forma efetiva, para que o ensino seja tratado com o devido valor e respeito que merece, porém alguns passos já foram dados e precisamos seguir adiante buscando sempre uma melhor capacitação para os profissionais da área, além de melhores condições físicas e metodológicas em nossas escolas.

REFERÊNCIAS

Amigos do Autista, 2017. Disponível em: <<http://amigosdoautista.com.br/index.php/a-escola>> . Acesso em: 20 fev 2017.

BATISTA, Paloma. **Correio Braziliense**. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2016/02/07/interna_ciencia_saude,516924/origem-genetica-do-autismo-pode-ir-alem-de-fatores-do-dna-diz-pesquis.shtml> . Acesso em: 15 mar 2017.

CAMARGO, S. Paulo, & BOSA, C. Antunes. **Competência social, inclusão escolar: revisão crítica da literatura**. Psicol. Soc, V. 21, n. 1, 2009.

CASTANEDO, Celedonio. **Autismo infantil: avaliação e intervenção psicopedagógica**. In: GONZÁLEZ, Eugênio (coord.). **Necessidades educacionais específicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 220-237

FERREIRA, L. B; TORRECILHA, N; MACHADO, S. H. S. **A técnica de observação em estudos de administração**. XXXVI EnANPAD. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_EPQ482.pdf>. Acesso: 15 jun 2017.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo**. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 1993.

GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margaret. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HAMER, B. L; MANENTE, M. V; CAPELLINI, V. L. M. F. **Autismo e família: revisão bibliográfica em bases de dados nacionais**. Rev. psicopedag. São Paulo, v.31, n.95, p.169-177, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000200010&lng=pt&nrm=iso> . Acesso: 10 nov. 2017.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **Gestão da Educação e qualificação docente: algumas reflexões em torno da formação permanente de professores/as. Educação e realidade**. v.23, n.1, p.43-53, jan./jun, 1998.

LEON, Viviane; LEWIS, Soni. Grupos com autista. In: ZIMERMAN, David; OSORIO, Luis Carlos (orgs.). **Como Trabalhamos com Grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997, p. 249-268.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA, 2007. Disponível em: <<http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/7guia%20pratico.pdf>> . Acesso: 19 set 2017.

MIRANDA, Benilde. **Um bate papo sobre Inclusão**. Disponível em: <<http://amigosdoautista.com.br/index.php/educacao>> . Acesso: 20 set 2017.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe; SANCHES, Kelly Gil. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em sua prática com crianças com Autismo**. 84p. Monografia (Graduação em Psicologia) Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, São Paulo, 2013.

SILVA, Micheline; MULICK, James A.. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009 .

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, Antônio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 2 ed. 1995. p. 77-91.

TARATUCCI, Dulcéria. **A Inclusão das Crianças com Necessidades Educacionais Especiais na Educação Infantil**. Taguatinga, DF, 2008.

ANEXO I

Este questionário tem como objetivo observar as dificuldades e as contribuições da
Inclusão do Autista no Ensino Regular

- Quais as principais dificuldades encontradas para compreender e trabalhar com alunos autistas?
- Qual metodologia é utilizada para o processo de ensino e aprendizagem na instituição?
- A inclusão de alunos autistas no ensino regular tem contribuído para o desenvolvimento dos envolvidos?
- Os profissionais são capacitados para trabalhar com estes alunos?
- Os alunos, funcionários e gestores estão preparados para esta inclusão?